

LEVANTAMENTO SOBRE USO DA ISBD EM BIBLIOGRAFIAS NACIONAIS*

ELIANE SERRÃO ALVES MEY

Curso de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação
Universidade de Brasília
70910 Brasília, DF

Apresenta a origem e objetivo da ISBD como norma para o controle bibliográfico universal. Levanta seu uso em bibliografias nacionais e códigos de catalogação nacionais e multinacionais. Conclui por sua larga e crescente utilização a nível internacional e propõe o seja, também, a nível das bibliotecas brasileiras.

1. INTRODUÇÃO

A idéia de um controle bibliográfico universal não é absolutamente nova. No início do século, com a edição da CDU, Otlet e Lafontaine já pretendiam que essa classificação fosse uma linguagem universal para o intercâmbio de informações.

A Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada, conhecida pela sigla ISBD, se propõe o mesmo objetivo. Restringindo-se aos elementos descritivos, utiliza uma pontuação rígida como linguagem para identificação desses elementos e, conseqüentemente, intercâmbio de informações.

A ISBD deve ser encarada em contexto mais amplo do que o de tentativas utópicas de um grupo de catalogadores intransigentes. Do início até este fim de século que estamos vivendo, o mundo sofreu inúmeras mudanças. A automação e as comunicações, goste-se disso ou não, afetaram substancialmente nossas vidas. Nenhuma nação, por mais avançada tecnologicamente, pode viver isolada das outras, sob pena de ser ultrapassada. Para as subdesenvolvidas, o conhecimento é o único meio de fazê-las superar a crise em que se encontram. Mais do que considerações filosóficas ou éticas, o intercâmbio universal do conhecimento é fator de sobrevivência.

A Primeira Grande Guerra sacudiu o mundo, em especial a Europa, de seu sonho de homem civilizado. O período após a Segunda Grande Guerra viu o surgi-

* Trabalho da disciplina Organização e Técnica Documentária e de Informação Científica, realizado em 1984.

mento da guerra fria e a divisão das nações em dois blocos. A década de 60 trouxe, para se utilizar um lugar-comum, a **aldeia global**. A tecnologia invadiu nosso cotidiano, e os homens passaram, obrigatoriamente, a se entender, sob pena de se auto-extermínarem.

Como não poderia deixar de ser, a Biblioteconomia, responsável pela guarda e transmissão/difusão do conhecimento, não ficou alheia ao processo.

Em 1961, com a Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, realizada em Paris, sentaram-se à mesa representantes de cinquenta e três nações, das mais diversas línguas, raças, religiões e ideologias políticas, e obteve-se a concordância sobre princípios básicos. Se a CIPC restringiu-se a parte do trabalho de catalogação (no caso, pontos de acesso), deixou clara também uma tendência internacional de uniformidade ou, pelo menos, de cooperação. Eva Verona, citando Sir Frank Francis, presidente da CIPC, considera suas palavras proféticas e como a origem teórica da ISBD:

“(. . .) é certo, portanto, para nós, considerarmos seriamente a possibilidade de o trabalho de catalogação ser realizado em vários lugares — idealmente no país em que os livros sejam publicados — e as resultantes entradas de catalogação usadas por aquelas bibliotecas que possuírem os livros, cujas entradas tenham sido feitas”. (Verona, 1980. 3)

Não se trata, portanto, de catalogação centralizada, mas de cada país fazer sua bibliografia nacional, dentro de padrões determinados, para que esta possa ser utilizada por outras bibliotecas, mesmo em outros países, sem duplicidade de serviços.

Em 1967, por convênio entre a FIAB e a Unesco, começou-se um estudo das regras de catalogação e catálogos existentes em vários países. O trabalho foi concluído em 1968, tendo como base bibliografias nacionais e catálogos de oito países, e analisado por diversos especialistas em todo o mundo. Como resultado, em 1969 Gorman apresentou, na Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação, um documento, origem da ISBD (Gorman, 1969). Em 1971 editou-se a primeira versão da ISBD, com três objetivos:

“(. . .) tornar permutáveis informações bibliográficas oriundas de fontes diversas; facilitar sua interpretação apesar das barreiras lingüísticas; e facilitar sua conversão em forma legível a máquina”. (ISBD, 1972, prefácio)

Inicialmente a ISBD foi criada para monografias. Com o tempo, outras ISBDs foram elaboradas para materiais diversos (seriados, cartográficos, especiais, partituras, obras raras e manuscritos) e para catalogação analítica. Em 1977 publicou-se a estrutura geral da ISBD, aplicável a todo e qualquer tipo de material, conhecida como ISBD (G), e que deve ser a base para os códigos nacionais de catalogação.

Não cabe aqui discutir sobre a validade ou não da estrutura da ISBD. Esta, desde 1971, vem sendo debatida e reformulada em alguns pontos, assim como tem

dado margem a interpretações diversas. Há referência na literatura, inclusive, a um formato simplificado da ISBD, a sair em breve. Entretanto, cabe ressaltar alguns aspectos:

a) os elementos constantes da descrição são os mesmos utilizados nas bibliografias nacionais, com ou sem pontuação ISBD, isto é, não há excesso de dados para o nível de descrição necessário às bibliografias nacionais;

b) a pontuação rígida facilita a identificação dos elementos, mesmo em línguas não muito familiares.

2. MÉTODO DE LEVANTAMENTO

Etapas seguidas:

— levantamento das bibliografias nacionais existentes na Biblioteca Central da Universidade de Brasília e na Biblioteca Nacional;

— busca, na literatura, sobre o uso da ISBD, especialmente no periódico *International Cataloguing*;

— levantamento, no *Ulrich's* (1982), para determinação do número total de bibliografias nacionais. O levantamento mostrou-se inútil. O *Ulrich's* classifica em 015 (bibliografias nacionais) 82 títulos, dos quais 16 certamente não o são. Por outro lado, classificou em 011 (bibliografias gerais) pelo menos 10 títulos que podem ser considerados nacionais, ou que representam uma bibliografia nacional;

— busca no *Guide to national bibliographical information centers*, da Unesco, que lista centros nacionais e suas respectivas publicações. Mas a última edição disponível foi a de 1970, já obsoleta.

Portanto, os resultados obtidos limitam-se às duas primeiras etapas, sem determinação do percentual em relação ao número total de bibliografias nacionais.

3. RESULTADOS

Em 1974 Dorothy Anderson realizou pesquisa sobre uso da ISBD*, chegando aos seguintes dados quanto às bibliografias nacionais que já a empregavam: **

PAÍS	BIBLIOGRAFIA	DATA
África do Sul	South African national bibliography	1972
Alemanha (RDA)	Deutsche Nationalbibliographie	1974
Alemanha (RFA)	Deutsche Bibliographie	1972
Austrália	Australian national bibliography	1972
Canadá	Canadiana	1973
Costa do Marfim	Bibliographie de la Côte d'Ivoire	1972
França	Bibliographie de la France	1973
Reino Unido	British national bibliography	1972

* Existe trabalho mais recente, porém não foi possível obtê-lo.

** PAÍS — refere-se ao país que publica a bibliografia; BIBLIOGRAFIA — ao título da mesma; DATA PESQ. — ao ano do volume pesquisado; DATA — ao ano de início de uso da ISBD; e V., N. e ANO — ao volume, número e ano do *International Cataloguing* que contém a informação.

Através de levantamento por consulta direta às bibliografias nacionais, excluindo-se as citadas acima, obtiveram-se os seguintes resultados:

PAÍS	BIBLIOGRAFIA	DATA PESEQ.	DATA
Alemanha (RFA)	Das Deutsche Buch	1983	
Argélia	Bibliographie de l'Algérie	1982	1977
Bélgica	Belgische Bibliografie	1982	
Brasil	Boletim Bibliográfico	1984	1984
Canadá	Bibliographie du Québec	1982	1984
Chile	Bibliografía chilena	1980	
Espanha	Bibliografía española	1982	
EUA	National union catalog	1982	1975
Filipinas	Philippine national bibliography	1981	
Hungria	Magyar Konyveszet	1982	
Iugoslávia	Bibliografija Jugoslavije	1983	
México	Bibliografía mexicana	1981	1976
ONU	Monthly bibliography	1983	
Portugal	Boletim de Bibliografia Portuguesa	1979	
Romênia	Bibliografia Rep. Soc. România	1983	1983
Suécia	Svensk bokfor-teckning	1983	
Suíça	Das schweizer Buch	1983	
	Jahresverzeichnis der schweizerischen Hochschulschriften	1981	
Uruguai	Anuário bibliográfico uruguayo	1981	
Venezuela	Bibliografía venezolana	1982	

No Brasil a ISBD também é utilizada nas seguintes publicações:

Bibliografia de publicações oficiais brasileiras (somente no vol. 1);

Oficina de Livros (bibliografia de catalogação na fonte elaborada pela Câmara Brasileira do Livro).

Através de levantamento feito no periódico **International Cataloguing**, chegou-se aos seguintes resultados, excluindo-se as bibliografias já citadas:

BIBLIOGRAFIA	V. N.	ANO
CARICOM bibliography*	6 (3)	1977
Bibliografi nasional Indonesia	6 (4)	1977
Nigerian national bibliography	7 (2)	1978
Dansk Bogfortenelse	8 (3)	1979
Bibliography of Scotland	8 (3)	1979
Bibliografia nacional finlandesa	8 (4)	1979
Malaysian national bibliography	10 (2)	1981
Papua New Guinea national bibliography	11 (2)	1982
South Pacific bibliography**	12 (3)	1983

* Inclui: Jamaica, Barbados, Trinidad y Tobago, Guyana, Antigua, Belize, Dominica, Granada, Montserrat, St. Kitts/Nevis/Anguilla, Sta. Lucia e S. Vicente.

** Inclui: Ilhas Cook, Kiribati, Samoa Ocidental, Ilhas Salomão, Nova Caledônia e Tuvalu.

Alguns códigos de catalogação que já incorporaram a ISBD em suas regras:
AACR, 2. ed. – Canadá, Estados Unidos e Reino Unido (embora utilizado por outros países);

GOST – União Soviética;

Katalogiseringsregler – Dinamarca;

RAK – Alemanha Ocidental (RDA), Alemanha Oriental (RFA) e Áustria;

Regles de catalogage = **Katalogisierungsregeln** – Suíça;

Suomalaiset luettelointisaannot – Finlândia; e

– novo código holandês.

Através do levantamento direto nas bibliografias, não estão usando a norma ISBD as que se seguem:

PAÍS	BIBLIOGRAFIA	DATA PESQ.
Albânia	Bibliografia Kombetare e Republikes Popullose Socialiste te Shgiperise	1983
Áustria	Osterreichische Bibliographie	1984
Colômbia	Anuario bibliográfico colombiano	1980
Dinamarca	Dania polyglotta	1982
Equador	Ecuador: bibliografia analítica	1982
Espanha	El libro español	1982
EUA	Cumulative book index	1983
França	Biblio*	1979
	Les livres du mois	1984
	Livres hebdo	1984
	Livres de France	1984
Itália	Bibliografia nazionale italiana	1983
	Libri e rivisti d'Italia	1983
Japão	Japan national bibliography	1983
México	Boletim bibliográfico mexicano	
Tchecoslováquia (ed. Alemanha)	Slovenská národná bibliografia Internationale Bibliographie der Zeitschriftenliteratur	1983 1983

Também não estão usando a ISBD as bibliografias publicadas por editores comerciais americanos, como: **Choice**, **Essay and general literature index** e **American book publishing record**, embora esta última copie as fichas da LC sem o travessão.

4. CONCLUSÃO

Das 45 bibliografias consultadas diretamente, 28 já utilizam a ISBD, isto é, cerca de 62,2%. (Interessante verificar que a uniformidade nas bibliografias limita-se aos elementos e pontuação. Algumas adotam o formato de ficha catalográfica, outras o de referência, assim como há diversidade quanto à entrada principal).

* Publicação suspensa, continuada pelas três seguintes.

A estas 28 somam-se as 9 citadas na literatura. A todos os dados acrescenta-se a inclusão da ISBD em 7 códigos nacionais de catalogação, com a ressalva de que os mesmos não representam somente 7 países: o AACR2, por exemplo, é um código internacionalizado. Este conjunto de informações nos leva à irreversibilidade da ISBD. Se um dia foi utópica, hoje é realidade palpável.

No Brasil, a Biblioteconomia esteve sempre ligada a tradições, que dão ensejo a dois tipos de atitudes: ou a radicalmente contra mudanças, ou a radicalmente contra qualquer norma. Agora começam a se fazer sentir os efeitos de ambas: os sistemas automatizados incompatíveis entre si, a não obtenção de um controle bibliográfico nacional, a dificuldade em se implantar sistemas de catalogação cooperativa. Duplicam-se os serviços, quando há falta de pessoal e milhares de livros nas prateleiras aguardando processamento (ou varinha mágica) que os leve às estantes.

Talvez seja hora de nós, bibliotecários brasileiros, pensarmos menos criticamente sobre normas e mais criticamente sobre nossas atitudes. Talvez seja a hora de fazermos um esforço e, a partir de um padrão internacional como a ISBD, darmos início a um trabalho cooperativo.

Comunicação recebida em 05.05.86

Abstract:

Use of ISBD in National Bibliographies

Describes the origin and objective of ISBD as a standard for universal bibliographical control. Surveys its use in national bibliographies and in national and multinational cataloging codes. Concludes by its extensive and increasing use at international level and proposes that it should also be used by the Brazilian libraries.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, D. The future of the Anglo-American cataloging rules (AACR) in the light of universal bibliographical control (UBC). *Library Resources & Technical Services*, 20(1): 3-15. Winter 1976.
- _____. Listas de control de la descripción bibliográfica internacional normalizada de monografias. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas*, 28(1): 36-41, ene./feb. 1974.
- CUNHA, M. L. M. da. ISBD; origem, evolução e aceitação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 12(1/2): 7-14, jan./jun. 1979.
- GORMAN, M. *Bibliographical data in national bibliography entries*. s.l., 1969. Trabalho apresentado na Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação, Copenhagen, 1969.
- GREDLEY, E. J. Standardizing bibliographical data; AACR2 and international exchange. *Journal of Librarianship*, 12(2): 84-101, apr. 1980.
- INTERNATIONAL CATALOGUING. London, v.1/12, 1972/83.
- ISBD; Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (International Standard Bibliographical Description) para as monografias em um ou vários volumes. Trad. brasileira. São Paulo, Biblioteca Central, Universidade de São Paulo, 1972. 34 p.

ELIANE SERRÃO ALVES MEY

- LOHMANN, O. Efforts for international standardization in libraries. **Library Trends**, p. 330-53, oct. 1972.
- MILCETICH, M. The history and impact of ISBD. **Library Resources & Technical Services**, 26(2): 177-82, apr./june, 1982.
- VERONA, E. A decade of IFLA's work on the standardization of bibliographic description. **International Cataloguing**, 9(1): 2-9, jan./mar. 1980.